



PARÁFRASE E POLISSEMIA EM TÍTULOS DE OBRAS LITERÁRIAS INFANTOJUVENIS E OS SENTIDOS EM TORNO DA PANDEMIA COVID-19

PARAPHRASE AND POLYSSEMIA IN TITLES OF LITERARY
WORKS FOR CHILDREN AND YOUNG PEOPLE AND THE
SENSES AROUND THE COVID-19 PANDEMIC

Allan de Andrade Linhares¹
Universidade Federal do Piauí

Luciana Maria de Aquino²
Universidade Federal do Piauí/CEAD
Universidade Federal da Bahia/PPGLinC

Resumo: Este trabalho aborda a construção de sentidos acerca da pandemia covid-19 em de títulos de obras literárias infantojuvenis brasileiras. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo e interpretativo amparada pelos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de orientação francesa a partir dos estudos de Pêcheux re teorizados por Orlandi. Buscamos investigar as construções parafrásticas e polissêmicas nos títulos das obras a fim de identificarmos as regularidades discursivas, os deslocamentos de sentido e os efeitos metafóricos em torno da temática pandemia. O *corpus* da pesquisa foi constituído por 17 títulos. Entendemos que o título é matéria constituinte da obra literária, aciona discursos, descortina a memória e, como tal, é historicamente construído. Constatamos a presença da paráfrase tanto em retomadas de termos recorrentes no contexto da pandemia, como na retomada de discursos de combate ao vírus. Quanto à polissemia, evidenciamos sua presença em obras que propõem não

¹ E-mail: andrades55@ufpi.edu.br.

² E-mail: luci.aquino@hotmail.com.

só a abordagem do tema a partir de uma narrativa ficcional, mas também a reflexão que se ancora na observância dos sentimentos ocasionados pela pandemia.

Palavras-Chave: Paráfrase; Polissemia; Literatura infantojuvenil; Pandemia.

Abstract: *This work addresses the construction of meanings about the covid-19 pandemic in titles of Brazilian children's literary works. This is a qualitative and interpretative bibliographical research supported by the theoretical-methodological assumptions of French-oriented Discourse Analysis based on the Pêcheux studies retheorized by Orlandi. We seek to investigate the paraphrastic and polysemous constructions in the titles of the works in order to identify the discursive regularities, the shifts in meaning and the metaphorical effects around the pandemic theme. The research corpus consisted of 17 titles. We understand that the title is a constituent material of the literary work, triggers discourses, revives memory and, as such, is historically constructed. We found the presence of the paraphrase both in the resumption of recurrent terms in the context of the pandemic, and in the resumption of speeches to combat the virus. As for polysemy, we evidence its presence in works that propose not only the approach to the theme from a fictional narrative, but also the reflection that is anchored in the observance of the feelings caused by the pandemic.*

Keywords: *Paraphrase; Polysemy; Children's Literature; Pandemic.*

INTRODUÇÃO

Entendemos que as obras literárias são importantes ferramentas para compreensão de aspectos histórico-sociais, o que é de interesse deste trabalho, não só pela natureza multidisciplinar da Análise do Discurso, área de estudo ao qual o presente trabalho se ampara, mas pelo próprio tema aqui proposto, que se relaciona diretamente a um fato histórico que causou um longo período de mudanças e adaptações na rotina das pessoas. Nesse contexto de adaptação no qual o espaço privado do lar tornou-se também ambiente de estudo e de trabalho, a convivência e o cumprimento de tarefas cotidianas entre familiares, tornou-se um verdadeiro desafio que levou a uma série de pesquisadores sociais, psicólogos, educadores, religiosos e escritores a abordarem o tema. Dessa forma, no âmbito da literatura infantojuvenil, que é o nosso foco de interesse, muitos escritores lançaram obras relacionadas a este acontecimento, desde a abordagem de forma lúdica de maneiras de se proteger contra o vírus a como lidar com o luto.

Nesse sentido, delimitamos como objetivo geral analisar a construção de

sentidos acerca da pandemia covid-19 a partir de títulos de obras literárias infantojuvenis publicadas ao longo do período pandêmico no Brasil, especialmente no período compreendido entre os anos 2020 a 2021. Para tanto, partiremos da observação das construções parafrásticas e polissêmicas nos títulos das obras a fim de identificarmos nesse contexto as regularidades discursivas, os deslocamentos de sentido e os efeitos metafóricos produzidos. Os procedimentos teórico-metodológicos amparam-se na Análise de Discurso, tendo como estudos norteadores os trabalhos produzidos Michel Pêcheux na França e por Eni Orlandi no Brasil.

1 PANDEMIA X LITERATURA INFANTOJUVENIL

Sabemos que no final do ano de 2019 o mundo vivenciou o início de uma pandemia cujas consequências em diferentes níveis de escala social ainda estão em curso. De acordo com Segata et al (2021, p.17), “pandemia é um termo que designa uma tendência epidemiológica. Indica que muitos surtos estão acontecendo ao mesmo tempo e espalhados por toda a parte”, porém tais surtos podem ocorrer com intensidades e qualidades distintas, pois estabelecem relações com as condições sociais, econômicas, culturais coletivas ou individuais. Desse modo, os desafios enfrentados nos últimos anos, não são apenas de ordem sanitária, o que impõe a necessidade de pesquisadores de diferentes áreas se debruçarem sobre o tema:

A pandemia não convidou apenas os pesquisadores a explorar as formas assumidas por ela nesta ou naquela sociedade, e seus fatores explicativos. Desde a primavera de 2020, por exemplo, na França, muitas vezes se levantaram para imaginar “o mundo de amanhã” diferente e melhor do que o “mundo anterior”, ou, inversamente, para tecer discursos catastrofistas, ou mesmo uma combinação relativamente incomum de esperança e visão catastrofista: discursos associados à ideia de uma “colapsologia feliz”, que percebe o contexto atual como uma confirmação de

suas visões mais sombrias, mas também pretende fazer deste um momento de reação criativa, vislumbrando uma sociedade coesa, de decrescimento ou com perspectivas de uma sobriedade feliz (Gaille; Terral, 2021, p. 58, grifos dos autores).

Logo, uma série de debates em diferentes esferas, políticas, culturais, religiosas, científicas passaram a tentar responder a questionamentos a fim de compreender esse evento global e ao mesmo tempo buscar apresentar soluções. Nesse contexto, vários discursos sobre o passado e principalmente sobre o futuro, passaram a ser cada vez mais constantes. Não raro, as produções de *fake news* também se fizeram presentes. E, entretanto, este não é o tema do qual nos debruçaremos. Aqui nos interessa a relação da produção de sentidos em torno da pandemia em títulos de obras literárias infantojuvenis publicadas ao longo do período pandêmico. Portanto, passaremos a tratar sobre a referida literatura nos parágrafos seguintes. As definições acerca da Literatura infantojuvenil, normalmente, giram em torno das produções destinadas ao público não adulto, de acordo com Reis et al (2016). Ao abordarmos esse tema, devemos levar em conta dois fatores importantes: o entendimento de infância como uma faixa etária diferenciada, que ocupa um lugar especial na organização familiar e social; e o surgimento da literatura infantil atrelado à escola, enquanto instituição burguesa do século XVIII. Os autores lembram ainda que é recente no Brasil, o reconhecimento da literatura infantil como um gênero autônomo, o que leva a um aumento da produção acadêmica na área, que, muitas vezes, giram em torno de dois grandes debates: a própria definição de literatura infantil e o aspecto moral-didatizante que permeia boa parte destas publicações. Para o autor:

A literatura infantil contemporânea, entendida aqui como o conjunto de livros dedicados às crianças, embora ainda se encontre atrelada à ótica do adulto e se caracterize por seu caráter pedagógico-utilitarista, também pode apresentar outro viés, quando se alinha ao interesse da criança, facilitando

experiências existenciais sem comprometer-se com o ensino ou com a moral (Reis et al, 2016, p. 193).

Como podemos notar, a definição acima põe em relevo o caráter artístico, que alinhado aos interesses das crianças, pode dispensar a necessidade de construções puramente moralizantes. A esse respeito, Oliveira (2003) lembra que a indústria do livro infantil surgiu em um cenário no qual cabia à família e à escola qualificar as crianças para a vida adulta. Nesse sentido, o livro tornou-se uma mercadoria cujo consumo, bem como o sucesso, passava pela escola enquanto instituição habilitadora de crianças para o consumo de tais textos.

Hunt (2010) nos alerta para o fato de que não pode haver uma definição única de literatura infantil, tendo em vista que as definições são controladas pelo seu propósito. Assim, acrescenta que:

Um “bom” livro pode sê-lo no sentido prescrito pela corrente literária/acadêmica dominante; “bom” em termos de eficácia para educação, aquisição de linguagem, socialização/aculturação ou para o entretenimento de uma determinada criança ou grupo de crianças em circunstâncias específicas; ou “bom” em algum sentido moral, religioso ou político; ou ainda em um sentido terapêutico (Hunt, 2010, p.75, grifos do autor).

Como podemos notar, o “bom” é relativizado em torno de aplicações práticas e abstratas no âmbito da literatura infantil, o que deve ser levado em consideração ao pensarmos em termos de definição. Nessa perspectiva, para o autor, é preciso também estabelecer nesse contexto uma relação com a concepção de infância: “A literatura é um termo-valor. Parece que a literatura infantil, ao separar-se (por conveniência administrativa), define-se(exclusivamente) em termos de seu público. Daí, precisamos perguntar o que acarreta a outra metade do termo. O que é uma criança?” (Hunt, 2010, p.91).

A esse respeito, o teórico considera que o conceito de infância é complexo

e mal documentado, ressaltando em termos diacrônicos que, no passado houve considerações radicais, que vão desde a criança bom-selvagem do Romantismo, próxima de Deus, à criança gerida em consequência do pecado original; e que, em sociedades pobres, com alta taxa de mortalidade infantil, dificilmente a infância ocorre, de fato, como um estágio isolado do desenvolvimento humano ao passo que em outras sociedades é definida em termos de falta de responsabilidade. Logo, a definição de infância não é fixa, ela se altera conforme o tempo, a cultura e a condição social. A literatura definida por ela também não é estável, dado os diferentes entendimentos em torno da infância, o que pode levar à compreensão de que ela está se tornando autodefinidora:

Definir literatura infantil pode parecer uma demarcação de território, mas apenas na medida em que o objeto necessita alguma delimitação para ser manejável. No entanto, a despeito da instabilidade da infância, o livro para criança pode ser definido em termos do leitor implícito. A partir de uma leitura cuidadosa, ficará claro a quem o livro se destina: quer o livro esteja totalmente do lado da criança, quer favoreça o desenvolvimento dela ou a tenha como alvo direto. (...) A possibilidade de o texto receber, posteriormente, um valor de reconhecimento depende das circunstâncias de seu uso (Hunt, 2010, p.100).

Como é possível notar, não há como fugir das classificações, pois há uma maioria convicta da necessidade cultural de distinção em literatura. E, entretanto, conforme advoga o autor, a possibilidade de a obra receber um valor de reconhecimento relaciona-se diretamente às circunstâncias de uso, isto é, aos sujeitos e às condições sócio-históricas de produção e circulação desses textos. Para Yunes (1986) há uma multiplicidade de leituras possíveis, no tempo, no espaço, de pessoa a pessoa, diante de um texto polissêmico, que permite a renovação permanente da imanência da obra, mas para tal a ficção carece do leitor.

Atualmente, a literatura infantojuvenil apresenta uma série de possibilidades aos seus leitores, desde textos que se dedicam as questões mais didatizantes, aos que priorizam os aspectos mais artísticos. No contexto atual, temos, além de escritores renomados, aqueles que estão diretamente inseridos neste universo, as próprias crianças, que também passaram a produzir obras a partir de iniciativa própria ou por meio do incentivo de escolas, de programas sociais ou de editoras que, mesmo que ainda de modo tímido, passaram a incentivar a prática da escrita destas crianças, claro, que também existe neste ínterim uma visada mercadológica. Boa parte dos temas das obras infantojuvenis aborda questões sociais que envolvem fatores como relações interpessoais, as instituições (família, escola, Igreja) e o universo tecnológico, muito presente no cotidiano do público infantojuvenil.

Assim, as produções literárias destinadas ao público infantojuvenil são atravessadas por uma série de questões que envolvem desde a noção de infância à própria classificação e reconhecimento dessas obras enquanto texto literário, o que evidencia a necessidade de maiores espaços de diálogo sobre o tema no meio acadêmico. Isso inclui desde a necessidade de uma diversidade maior de disciplinas nos currículos dos cursos de letras a pesquisas e publicações que envolvam a temática.

2 PARÁFRASE, POLISSEMIA E EFEITOS METAFÓRICOS

Na seção anterior apresentamos algumas definições norteadoras sobre a literatura infantojuvenil a fim de darmos prosseguimento agora com aspectos mais específicos relacionados à produção de linguagem e discurso na esfera do texto literário. Ao abordar a relação entre Literatura e discurso e a forma como se concebe o contexto, Maingueneau (2001) ressalta que, ao se estudar a obra literária relacionando-a a seu dispositivo de enunciação, a exterioridade do contexto, acaba se tornando uma evidência enganadora, pois

independentemente de se considerar o autor fonte única do sentido ou simples suporte de uma mentalidade coletiva, o espaço ao qual se permanece é o mesmo. Assim, explica que:

As obras falam efetivamente do mundo, mas sua enunciação é parte integrante do mundo que pretensamente representam. Não há, por um lado, um universo de coisas e atividades mudas, do outro representações literárias destacadas dele que seriam uma imagem sua. A literatura também consiste numa atividade; não apenas ela mantém um discurso sobre o mundo, mas gere sua própria presença nesse mundo (Maingueneau, 2001, p.19, grifos do autor).

Dessa forma, o autor propõe uma visão integradora que reúne ao mesmo tempo autor, público, suporte material do texto, que é parte da mensagem, não separando a vida do autor da sua condição social, mantendo unidas subjetividade criadora à atividade de escrita. Yunes (1986), ao refletir sobre a análise e interpretação de obras literárias traça um percurso denominado de “leitura à Leitura”, que passa pela recuperação do sujeito; pela recuperação da escrita; pela recuperação (da história) dos sentidos. Destaca que uma criança, ao ler seus primeiros livros, busca sua identificação, sua própria imagem, sem preocupações que girem em torno de análises, pois “quando ela puder perceber a linguagem será capaz de analisar e interpretar, retornando à sua relação pessoal com texto, já agora fundado no conhecimento em que se expande seu prazer de ler” (Yunes, 1986, p. 74).

De acordo com Orlandi (2008), a leitura é o momento privilegiado do processo de interação verbal, uma vez que o leitor não apreende um mero sentido que está lá. E ele atribui sentidos ao texto, pois é nesta relação entre leitor e texto que se desencadeia o processo de significação: “no momento em que se realiza o processo da leitura, se configura o espaço da discursividade em que se instaura um modo de significação específico” (p.38) Cabe destacar, a partir dessa

perspectiva, que a autora considera que os sentidos não são propriedades privadas do autor ou do leitor, mas são efeitos da troca de linguagem, não nascendo e nem se extinguindo no momento da fala.

Assim, podemos elencar alguns componentes das condições de produção da leitura apresentados por Orlandi (2008) que nos interessam nesse trabalho, como: sujeitos, ideologia, leitura parafrástica e polissêmica. Orlandi (2002) observa que não há sentido sem interpretação e que este fato comprova a presença da ideologia. Acrescenta ainda que a ideologia “é a condição para constituição dos sujeitos e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (p. 46). Nesta relação, segundo a autora, a ideologia trabalha para produzir evidências, tendo em vista que no movimento da interpretação, o sentido se mostra como se estivesse sempre estabelecido da forma como se apresenta, numa espécie de mecanismo ideológico de apagamento da interpretação que possibilita transposições de formas materiais em outras, que por sua vez, produzem as transparências. Por esse viés, a ideologia é considerada não como ocultação, mas como função necessária da relação linguagem-mundo.

Não iremos nos deter minuciosamente em todos os componentes das condições de produção da leitura acima mencionados, mas especialmente àqueles que são o foco desta pesquisa: a paráfrase e a polissemia, sobre as quais passaremos a discorrer. Ao estabelecermos um estudo discursivo, independentemente do seu objeto, o já dito irá figurar como elemento constituinte dos sentidos ali construídos, pois é justamente nesta tensão entre o mesmo e o diferente que os processos parafrásticos e polissêmicos se apresentam. Orlandi (2002), considera que todo o funcionamento da linguagem se assenta nessa tensão, destacando que a paráfrase representa o retorno de dizeres, à memória, ao que se mantém sedimentado em diferentes formulações do mesmo

dizer; e que a polissemia joga com o equívoco, com a ruptura de processos de significação, isto é, com o deslocamento:

Essas são duas forças que trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e diferente. Se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiação dos sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas. É nesse jogo entre paráfrase e polissemia, entre o mesmo e o diferente, entre o já dito e o a se dizer que os sujeitos e os sentidos se movimentam, fazem seus percursos, (se) significam (Orlandi, 2002, p. 36).

A autora explica que os sujeitos, os sentidos, os discursos não estão prontos, acabados, pois considera a incompletude como condição da linguagem. E essa “mexida na rede de filiação dos sentidos”, é justamente o movimento constante do simbólico e da história que permite que os sentidos e os sujeitos possam sempre serem outros, mas isso irá depender da forma como são afetados pela língua e de como se inscrevem na história.

A fim de exemplificar, Orlandi (2002) apresenta a distinção entre criatividade e produtividade, proposta pela análise de discurso, ao expor que a “criação” em sua dimensão técnica é produtividade, reiteração de processos já cristalizados, mas que implica no deslocamento das regras e faz intervir o diferente, ao passo que a produtividade se mantém no retorno constante do mesmo espaço dizível produzindo sempre a variedade do mesmo, à exemplo das telenovelas, como frisa a autora. Nesse sentido, a paráfrase é a matriz do sentido, uma vez que não há sentido sem repetição em termos de saber discursivo e a polissemia é a fonte da linguagem, a condição de existência dos discursos; é a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico (Orlandi, 2002). A paráfrase, como é possível notar ao longo de nossa discussão, mantém estreita relação com a memória.

Sobre essa questão, Pecheux (1999) aponta uma dialética da repetição e da regularização ao tratar da memória discursiva que, para ele “seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (...) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (p.52, grifos do autor). O autor chama a atenção para os implícitos ao indagar sobre sua localização que hipoteticamente estariam disponíveis na memória discursiva como um registro oculto e explica que haveria, sob a repetição, a formação de um efeito de série pelo qual uma “regularização” se iniciaria, nesta residiriam os implícitos (remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrase). Entretanto, a regularização discursiva é sempre suscetível ao acontecimento discursivo novo, que perturba a memória:

Mas o acontecimento discursivo, provocando interrupção, pode desmanchar essa “regularização” e produzir retrospectivamente uma outra série sob a primeira, desmascarar o aparecimento de uma nova série que não estava constituída enquanto tal e que é assim o produto do acontecimento; o acontecimento, no caso, desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior (Pecheux, 1999, p. 52, grifos do autor).

O autor deixa claro que existe um jogo de forças instituído na memória entre a estabilização parafrástica e a integração do acontecimento, o que podemos inferir que é o jogo entre a paráfrase e a polissemia, entre o dado e o “novo”. Para Orlandi (2002) a memória, quando posta em relação ao discurso, é concebida como interdiscurso, isto é, aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente, também conhecido como memória discursiva, que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito. Logo, assegura a autora, “os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua. Dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas” (Orlandi, 2002, p.44).

Deve-se aqui acrescentar que tal perspectiva advém das teorizações de Pêcheux (1995), que compreende formação discursiva como aquilo que determina o que pode e deve ser dito a partir de uma conjuntura dada. Orlandi (2002), chama a atenção para o fato de que elas, formações discursivas, não são blocos homogêneos que funcionam automaticamente, pois são constituídas pela contradição, são heterogêneas e com fronteiras fluidas entre si, o que possibilita a contínua configuração e reconfiguração em suas relações. Por fim, antes de encerrarmos esta seção e com base na discussão anterior, iremos expor a noção de efeito metafórico, também importante neste trabalho. Em Pêcheux (1997, p.96), temos a seguinte definição:

Chamaremos efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse "deslizamento de sentido" entre x e y é constitutivo do "sentido" designado por x e y; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos "naturais", por oposição aos códigos e as "línguas artificiais", em que o sentido é fixado em relação a uma metalíngua "natural".

O efeito metafórico possibilita a manutenção da ancoragem semântica por meio da substituição. Podemos imaginar, por exemplo, um enunciado matriz no qual em uma relação paradigmática são realizadas substituições de um determinado termo por outro contextualmente equivalente, resultaria, assim, em uma série de efeitos metafóricos. Orlandi (2002) destaca que a noção de metáfora é imprescindível na análise de discurso. Sendo considerada diferentemente da retórica, que a concebe como figura de linguagem, a metáfora é compreendida como transferência, pois "em princípio não há sentido sem metáfora. As palavras não têm, nessa perspectiva, um sentido próprio, preso a sua literalidade" (Orlandi, 2002, p. 44). Esse pensamento foi anteriormente exposto por Pêcheux (1995, p. 160), ao explicar que "o sentido de uma palavra, de uma expressão, de

uma proposição, etc., não existe em si mesmo. [...] as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam.”

A respeito da dicotomia sentido próprio e sentido figurado, em uma nota de rodapé, Pêcheux (1997) esclarece que a metáfora é primeira e não derivada, propondo a eliminação do par núcleo/periferia, já que a metáfora funcionaria como transporte entre dois significantes, constitutivo de seu sentido, sendo a condição de aparecimento do que, em cada caso, poderia funcionar como "sentido próprio" ou como "sentido figurado" a des-equalização em termos de orientação dessa relação.

De acordo com Orlandi (1998, p. 12), “não há sentidos literais guardados em algum lugar (...) os sentidos e os sujeitos se constituem em processos que há transferências, jogos simbólicos dos quais não detemos o controle.” Desse modo, uma mesma palavra pode assumir significados distintos dentro de uma mesma língua, dependendo da posição do sujeito e, conseqüentemente, das formações discursivas e ideológicas às quais ele se inscreve. Por fim, seguindo nesta direção, entendemos que o efeito metafórico se constitui por meio do deslizamento de sentido construído a partir dos sujeitos e das condições de produção dos discursos.

3 SENTIDOS DOS/NOS TÍTULOS

Consideramos pertinente a abertura desse espaço para tratar, mesmo que brevemente, a respeito dos títulos, uma vez que eles formam o *corpus* deste trabalho. Ao longo de algumas buscas na internet, pudemos constatar que são poucos os trabalhos que se dedicam à discussão acerca dos títulos de obras literárias, seja no âmbito da linguística ou da própria literatura. Ampliando um pouco as buscas, é possível encontrar trabalhos que abordam a relação dos títulos com obras de arte, nesse caso, sempre explorando os aspectos relativos ao verbo-

visual. Poderíamos nos perguntar, afinal, com base em quais critérios os artistas/escritores escolhem os títulos de suas obras? Quais finalidades a eles (títulos) são atribuídas? Poderíamos arriscar que, independentemente do tipo de obra, artística, literária, cinematográfica, etc, uma relação semântica é estabelecida entre a obra e o título, seja para levar ao interlocutor “pistas” ou mesmo para propor o contrário ou o enigmático.

Pinto (2013, p. 9), em seu estudo sobre os títulos de obras de artes visuais, aponta que, em se tratando de obras de artes, diferentemente do que observamos em obras literárias, o autor opta por nomear ou não sua obra, neste último caso, acrescenta que “Algumas vezes é justamente temendo eleger palavras que gerem sentidos e ideias “fechadas” que os autores se apóiam nos sem títulos” (Pinto, 2013, p. 22, grifo nosso). É interessante observarmos aqui que, ao escolher não nomear a obra, hipoteticamente, o artista espera que os sentidos sejam construídos pelo contato direto do espectador com a obra sem a mediação do título. Desse modo, de acordo com Pinto (2013), através do caráter informativo da palavra, o título não é apenas um nome, é uma informação a mais que o autor utiliza para a completude do sentido da obra.

Para Domingos e Hohlfeldt (2017), o título é um tema importante no âmbito da criação artística e em especial literária. Os autores apresentam algumas características acerca do funcionamento do título como a referencialidade, exemplificando que ao citarmos o título, já identificamos o trabalho a que desejamos nos referir sem a necessidade de fazer remissão a um personagem específico ou ao ano de publicação. Comparado à função do nome próprio, apresentam as mesmas funções: “a diferenciação, a individuação, a nomeação e a remissão. Um título permite-nos uma economia verbal significativa. Um título, de certo modo, tem o efeito de ser a própria obra” (Domingos; Hohlfeldt, 2017, p. 47).

Essa característica, que diz respeito à representatividade da obra como um todo, é apontada pelos autores como uma das responsabilidades do título, uma vez que a torna diferente das demais obras dentro de um mesmo gênero. De um certo modo, podemos dizer que o título, ao individualizar a obra imprime sua identidade e, conforme Coracine (1989), revela a subjetividade inerente à sua produção. Em uma análise pragmático-enunciativa, a autora ressalta que o título deve não apenas informar sobre o conteúdo da obra ou do texto, mas caracterizá-lo, sem formulá-lo por completo. Acresce ainda que a atualidade do assunto torna o título atraente, independentemente da esfera de circulação: na ciência, na imprensa, nas artes, etc.

Para a autora, do ponto de vista da leitura, o título determina o tipo de leitor e de leitura desempenhando, assim, uma função pragmática, pois há uma situação de comunicação que permite o sujeito enunciatório atingir seu enunciatário seja pelo assunto/tema ou simplesmente pela forma de apresentação. Logo, a presença do título evidencia o processo de produção como interativo, sendo que a escolha, isto é, a construção de um título desencadeia o processo de constituição de sentido da obra que perpassa por uma série de fatores, como linguísticos, culturais e históricos.

4 ANÁLISES E RESULTADOS

Para proceder à análise de textos literários, podemos utilizar, dentre outras teorias já consagradas, seja no interior da Linguística ou da Literatura, a Análise do Discurso, que é o pilar deste estudo que se pauta na investigação qualitativa, cuja fundamentação teórico-metodológica apoia-se especialmente em Orlandi e Pêcheux. A Análise do Discurso nos permite analisar e compreender o funcionamento do discurso em textos de diferentes meios: midiático, jornalístico, religioso, literário, científico e tantos outros, de uma maneira que a abordagem vai desde as particularidades do discurso ao seu contexto histórico-social. Desse

modo, em um primeiro momento, além do levantamento bibliográfico necessário, foi realizada uma pesquisa em sites de buscas, de editoras e de jornais a fim de identificar livros infantojuvenis publicados entre os anos de 2020 e 2021 com a temática pretendida, o que foi constatado por meio da leitura das sinopses dos livros. Posteriormente foram escolhidos 17 títulos de obras infantojuvenis das quais passaremos a tratar logo a seguir em quatro sequências distintas.

1. *Um tal de coronavírus*
2. *Corona, o que?*
3. *SOS O Corona Chegou*
4. *Xô, Coronavírus*
5. *Arizinho e a pandemia*
6. *O coronavírus não sai do meu pensamento, e agora?*

Nos dois primeiros títulos, temos as expressões “um tal de” e “o que?” denotando a abordagem de um tema muito falado, mas supostamente pouco conhecido pelas crianças, já que essas expressões ativam a memória discursiva tendo em vista que são popularmente conhecidas e utilizadas quando ouvimos falar de algo, mas não sabemos exatamente o que é, isto é, os já ditos, nesse caso, opacos ao leitor infantojuvenil. Os títulos sinalizam, assim, que irão “explicar” o que é o coronavírus assumindo uma função prioritariamente pedagógica.

Seguindo nessa mesma linha didatizante, temos na sequência os títulos 3 e 4: “SOS O Corona Chegou” e “Xô, Coronavírus”, agora o enunciador aciona discursos já conhecidos pelo seu leitor. A expressão “O Corona chegou” reativa, especialmente dos meios de comunicação de massa, o conhecimento (dizeres) de que o vírus estava circulando em outros lugares e que agora chegou. O verbo utilizado em sua impessoalidade abre diferentes possibilidades de implícitos: chegou ao Brasil, chegou em nossas casas ou, até mesmo como deslizamento de sentido, chegou em nossas vidas.

A sigla SOS, que, por sinal, inicia o título, busca provocar o sentido de

alerta, pedido de socorro. Tal efeito só se efetiva através da memória, que possibilita o entendimento em torno dos sentidos que a sigla pode evocar: um apelo, uma ajuda, um resgate, é o que a obra propõe pela escolha do título. Segundo Orlandi (2002), o dizer não é propriedade particular, pois as palavras significam pela história e pela língua e por isso mesmo, o que é dito em outro lugar, também significa nos nossos dizeres, o que nos remete aos processos parafrásticos nos discursos.

No título seguinte, a interjeição “Xô”, popularmente conhecida e utilizada no português brasileiro como sinônimo do verbo sair, leva à percepção de que o coronavírus deve se retirar, ir embora. Assim, a obra propõe implicitamente através de seu título soluções para expulsar o coronavírus. Logo em seguida temos o título “Arizinho e a pandemia”. Aqui o nome de uma personagem é acionado denotando que uma narrativa será apresentada ao leitor, o contexto da narrativa também é indiciado pela palavra “Pandemia” juntamente com os sentidos já construídos sobre doenças, contágios e suas consequências atravessando assim, os discursos já sedimentados sobre pandemia. Pelo caráter polissêmico do título, podemos dizer que tal narrativa trará a luta entre o bem e o mal, normalmente presente em textos direcionados ao público infantil. O aspecto didatizante perdura, uma vez que a obra propõe como vencer o mal.

Encerrando esse primeiro grupo de títulos, temos “O coronavírus não sai do meu pensamento, e agora?”. O leitor é interpelado com uma indagação que sucede uma afirmação: O coronavírus não sai do meu pensamento. Aqui, um olhar mais subjetivo a respeito do coronavírus é lançado ao pressupor que pensamentos povoam a cabeça do leitor. Tais pensamentos são ancorados nos dizeres sobre o coronavírus, o que implicitamente, pode representar o sentimento de medo. A indagação “e agora?”, propõe que a obra apresentará possíveis soluções.

Podemos observar que todos os títulos até aqui abordados mantêm uma relação parafrástica uma vez que acionam as palavras coronavírus ou pandemia guiados por uma possível prestação de serviço como informar e apresentar soluções. Orlandi (2002), destaca que a paráfrase representa o retorno aos mesmos espaços do dizer, produzindo diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A seguir trataremos de um segundo grupo de títulos:

7. *O vírus malvadão e as crianças poderosas*
8. *Sofia e Otto - Somos heróis: os cuidados para o coronavírus ir embora*
9. *Corona: esse vírus usa coroa, mas não é rei!*
10. *Alice no país da Pandemia*

No primeiro título desta sequência, temos explicitamente a alusão à dicotomia bem x mal comum em narrativas ficcionais, que reativa por meio da memória discursiva, os sentidos em torno do vírus, que neste caso, é concebido como “malvadão”, já que, implicitamente, se trata do coronavírus conhecido mundialmente por ocasionar a pandemia. Do outro lado, as crianças são postas como “poderosas”, isto é, heroínas que supostamente derrotarão o vilão: o coronavírus. Embora o título recorra em sua construção a elementos da narrativa, o ponto de vista utilitarista ainda parece se sobrepôr como elemento motriz dos sentidos circulantes na narrativa.

Essa perspectiva se mostra com mais evidência no título “Sofia e Otto - Somos heróis: os cuidados para o coronavírus ir embora”, no qual a expressão “heróis” faz referência aos atos de bravura -cuidados- que devem ser executados para o coronavírus, vilão, ir embora. Os nomes de duas personagens de uma série de livros infantis permanecem no título com o acréscimo da informação sobre a nova aventura a ser enfrentada pelos protagonistas, no caso, o enfrentamento da pandemia.

É interessante notarmos que os dois títulos abordados anteriormente trazem da memória discursiva, a figura do herói mantendo uma relação parafrástica. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2001), o herói simboliza a união das forças celestes e terrestres. E eles podem adquirir a imortalidade, como podem também ressurgirem de seus túmulos para defender a cidade que se encontra sob sua proteção.

Os dois últimos títulos desta sequência trazem em sua construção uma maior subjetividade. Em “Corona: esse vírus usa coroa, mas não é rei!” o enunciador recorre ao símbolo da nobreza utilizado pelos reis e à figura representativa do vírus que se popularizou por meio das diferentes mídias produzindo por meio da polissemia o sentido de que a coroa nem sempre é usada por reis. Assim, há uma negação de reinado ao vírus, que traz consigo os vários discursos sobre o seu combate, tendo em vista que a figura detentora da “coroa”, o rei, deve ter por princípios a justiça e a paz, bem como o estabelecimento da harmonia, que se construiu historicamente.

O título seguinte, em um processo parafrástico, faz uma referência explícita a um clássico da literatura infantojuvenil, Alice no país das maravilhas, mantendo o nome da personagem principal e deslocando o sentido de “maravilhas” para “pandemia”, provocando assim um efeito metafórico. Compreendemos, conforme Pêcheux (1999, p.53) que:

A recorrência do item ou do enunciado pode também (...) caracterizar uma divisão da identidade material do item: sob o “mesmo” da materialidade da palavra abre-se então o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva ... Uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase.

Assim, não se passa necessariamente de uma sequência discursiva a outra apenas por uma substituição, pois as duas sequências estão, em geral, ligadas

uma à outra por uma série de efeitos metafóricos (PÊCHEUX, 1997). Desse modo, para compreender como os sentidos são produzidos no título, uma série de discursos relacionados à obra referenciada e à pandemia são acionados a fim de que o leitor faça a atualização desses sentidos, como por exemplo, o fato conhecido da personagem Alice ao se encontrar em um novo mundo ter que aprender a se adaptar por um instinto mesmo de sobrevivência a cada mudança que surge em seu percurso. Essa mesma situação de adaptação pode ser associada ao contexto de pandemia ou mesmo pós-pandemia, em que uma série de mudanças são ocasionadas a fim de que as pessoas possam dar continuidade a suas vidas.

Nesta sequência de títulos, observamos que também se mantém a rede parafrástica por meio dos termos “coronavírus” e “pandemia”, bem como o utilitarismo presente nas obras. A seguir, daremos continuidade com a análise de um novo grupo de títulos:

11. *Dentro de casa*
12. *Casa Coração*
13. *O mundo pela janela*
14. *A espera do sol*

O primeiro título da sequência, “Dentro de casa”, diferentemente dos anteriores, não traz a palavra vírus, coronavírus ou pandemia. E, entretanto, a memória é acionada por meio de um discurso que circulou globalmente em forma de campanha como uma das estratégias para conter a disseminação do vírus, que diz respeito ao distanciamento social. Assim, a obra propõe a partir do seu título, reforçar o discurso de combate à pandemia levando ao leitor infantojuvenil à percepção de que o espaço privado, de casa, também pode ser divertido.

Seguindo nesta mesma linha, temos o título “Casa Coração”, que faz

alusão, agora de forma implícita, ao discurso de reclusão ao espaço do lar; que metaforicamente pode ser compreendido como espaço de proteção, amor, acolhimento e conforto, tendo em vista os sentidos construídos culturalmente em torno da palavra “coração”. O ocidente fez do coração a sede dos sentimentos, enquanto as civilizações tradicionais localizam nele a inteligência e intuição (Chevalier; Gheerbrant, 2001). Importante frisar que, embora exista essa distinção demarcada sobre a forma como os conceitos são atribuídos no ocidente ou no oriente, essa noção pode ser relativizada, como aponta Ferguson (2021) ao explicar que não se trata apenas de uma expressão geográfica, mas de um conjunto de normas, comportamentos e instituições. Assim, o autor considera que é possível que uma sociedade asiática, por exemplo, torne-se ocidental caso adote modos ocidentais de se vestir e de fazer negócios.

No título que se segue, “O mundo pela janela”, também temos uma referência implícita ao espaço de casa e aos discursos que remontam as campanhas de proteção contra o vírus, agora estabelecendo um olhar externo ao lar, utilizando a metáfora da janela aberta, o que gera um efeito de sentido de estaticidade para observador (personagem ou leitor) que vê o “mundo” pela “janela”. Dadas as condições de produção em que a obra foi escrita, podemos inferir que os efeitos metafóricos de “janela” nos levam aos diferentes dispositivos utilizados ao longo da pandemia para que as pessoas pudessem exercer suas atividades de trabalho, estudo ou entretenimento e ter acesso, nessa perspectiva, ao “mundo”, que antes estava lá fora, à própria condição humana, à vida em movimento, que agora se limita às possibilidades que a “janela” oferece. Sabemos que a regularidade aqui se estabelece com a ideia de abertura que é normalmente ativada pela expressão janela. Para Orlandi (2002, p.53):

Assim o homem (se) significa. Se o sentido e os sujeitos poderiam ser os mesmos, no entanto, escorregam, derivam para outros

sentidos, para outras posições. A deriva, o deslize é o efeito metafórico, a transferência, a palavra que fala com outras.

É por essa possibilidade, do deslize, que “janela” assume sentidos outros sinalizados no título. Dando continuidade, o título “A espera do sol” segue essa mesma linha de subjetivação, uma vez que não traz os termos “pandemia”, “vírus”, “corona”. Estes ficam reservados ao espaço do interdiscurso, isto é, da memória. Aqui também temos uma ideia de estaticidade denotada por meio do verbo “esperar” que estabelece uma relação de complementaridade aos sentidos que atribuímos metaforicamente à sol: alegria, claridade, dia. Em muitas culturas o sol é uma manifestação da divindade, se não o próprio Deus. Nas grandes civilizações antigas, ele representa encarnações das forças criadoras, fonte vital de luz e de calor (Chevalier; Gheerbrant, 2001).

Dessa forma, a pandemia por meio de um deslize de sentido é representada em oposição a essa concepção de sol, vista como a escuridão, remontando à ideia de tristeza. Desse modo, os efeitos metafóricos em torno do que se entende por “espera do sol”, dizem respeito ao fim da pandemia, havendo assim, em termos utilizados por Orlandi (1998), ressignificação, transferência de sentidos, trabalho da memória. Ao longo dessa sequência de títulos, pudemos constatar a reiteração do mesmo por meio dos processos parafrásticos nos discursos circulantes ao longo do período pandêmico, como “fique em casa”, associado à ideia de espera. Por fim, abordaremos a última sequência de títulos, que segue logo abaixo:

15. *Tanta chuva no céu*

16. *O dia em que a estrela foi brilhar no céu*

17. *Eu era feliz e não sabia*

O primeiro título “Tanta chuva no céu” faz alusão ao tempo fechado e à ideia de persistência revelada pelo advérbio “tanta”. Aqui os sentidos em torno

do tempo se configuram, primeiramente, não como uma passagem, mas como algo que persiste, que demora. A pandemia é metaforicamente representada por essa chuva que se mantém e às dores por ela ocasionada. É interessante sublinharmos que a palavra “chuva” é associada em outros contextos à ideia de bonança, prosperidade, fertilidade. Entretanto, no título em questão, o sentido se constrói a partir da oposição do sentido de sol enquanto símbolo de luz. Em “O dia em que a estrela foi brilhar no céu”, próximo título da sequência, temos uma conhecida metáfora da morte: “a estrela”, muito utilizada pelos adultos para falar com as crianças sobre esse tema, ainda considerado tabu.

Para entendermos o papel da memória discursiva nesse contexto, recorreremos à Paiva (2011), que ao estudar sobre esse assunto, demonstrou questões sociais e culturais envolvidas no tema, dentre elas a religiosidade. Segundo a autora, as religiões sempre deram explicações às questões existenciais, fazendo referências à dimensão do sagrado e do transcendente como formas de perpetuar culturalmente o medo da morte e reforçar a crença da imortalidade, como por exemplo, a ideia de que a pessoa que morreu migrou para outro lugar: “virou estrela”. Essa explicação corrobora com a ideia de passagem e/ou mudança esboçada no título ao estabelecer que a estrela “foi brilhar no céu”. Assim, a obra, situada contextualmente no período pandêmico, propõe abordar o tema da morte trazendo em seu título o discurso religioso que se ancora na metáfora “morte” - “estrela”.

Por fim, o título “Eu era feliz e não sabia”, traz um enunciado comumente utilizado em diversas situações do dia-a-dia para demarcar uma comparação entre o antes e o depois estabelecendo uma relação de oposição entre a ideia de felicidade x tristeza. Trata-se de um ditado popular e como tal, sua construção é cultural e remonta ao conhecimento coletivo. Ao acionar o dito popular, o enunciador recorre à paráfrase a fim de construir um novo significado. Assim, através do título a memória discursiva é reconstruída a fim de ressignificar a

pandemia como um marco na vida das pessoas trazendo uma série de já ditos que remetem à situação pandêmica: distanciamento social, adoecimento, morte, etc, supostamente ausentes em um momento anterior, “feliz”.

Ao longo de nossas análises, pudemos identificar a presença da paráfrase em retomadas de termos recorrentes no contexto da pandemia, bem como na retomada de discursos de combate ao vírus que foram recorrentemente divulgados pelos meios de comunicação, muitas vezes, em forma de campanha de conscientização. A polissemia, por sua vez, teve sua presença mais marcadamente em obras que propõem a abordagem do tema a partir de narrativas ficcionais que provocam a reflexão ancorada na observância dos diferentes sentimentos ocasionados pela pandemia.

CONCLUSÃO

Ao longo de nossas análises, pudemos constatar o movimento entre a paráfrase e a polissemia nos títulos das obras literárias destinadas ao público infantojuvenil. Orlandi (2002) lembra que discursivamente é difícil traçar limites entre o mesmo e o diferente, pois são duas forças que trabalham continuamente o dizer fazendo emergir os discursos a partir desta tensão.

No percurso deste trabalho, constatamos a presença da paráfrase tanto em retomadas de termos recorrentes no contexto da pandemia, como “coronavírus” e “pandemia” (estes em obras de natureza mais utilitarista), como também na retomada de discursos de combate ao vírus como “fique em casa”.

Quanto à polissemia, evidenciamos sua presença com mais força em obras que ultrapassam o utilitarismo, que propõem não só a abordagem do tema a partir uma narrativa ficcional, mas também a reflexão, a subjetividade que se ancora na observância dos sentimentos que são ocasionados pela pandemia, como medo, insegurança, tristeza, luto. Neste ponto, a metáfora fez o seu papel ao acionar a memória e possibilitar a construção de novos sentidos, que se

ajustam, assim, às suas condições de produção, como nas ocorrências dos termos “coração”, “sol”, “chuva”, “janela”, “estrela”, nos títulos analisados.

Cumprido, por fim, ressaltar que, longe de ser um simples artefato, o título é matéria constituinte da obra literária, aciona discursos, descortina a memória. Historicamente construído ao tempo em que também constrói a história, o título, ao retratar no recorte temporal aspectos sociais que são da ordem do cotidiano da vida das pessoas e que impactam suas existências, como um evento registrado que a cada leitura, possibilita não só o resgate daquele momento, mas também a atualização dos sentidos instaurados a cada gesto de interpretação.

REFERÊNCIAS

CORACINI, M.J.R.F. *O título: uma unidade subjetiva (caracterização e aprendizagem)*. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 13, p. 235-54, 1989.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

DOMINGOS, Ana Cláudia Munari e HOHLFELDT, Antônio. *Seduzindo o leitor: os títulos das obras de Lygia Fagundes Telles*. Passages de Paris: APEB-FR, 2017.

FERGUSON, Niall. *Civilização: Oriente x Ocidente*. Trad. Janaína Marcoantonio. 3ª ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2021.

GAILLE, Marie; TERRAL, Philippe. Uma Contribuição da Pesquisa Francesa em Ciências Humanas e Sociais para a Análise Internacional da Pandemia de Covid-19. In: Matta, Gustavo Correia et al (orgs.). *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

GALINARI, Melliandro Mendes. A autoridade do discurso literário. In: MELLO, Renato de. (org). *Análise do Discurso & Literatura*. Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Campinas: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, Ieda de. *O contrato de Comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. *Análise do discurso: Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 4ª edição, 2002.

_____. *Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico*. *Rua* – Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade da Unicamp NUDECRI, n. 4, p. 9-19, 1998.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (org.) *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à 264 THIAGO HENRIQUE BRAGATO BARROS obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, p. 61- 151.

_____. *Metáfora e Interdiscurso*. In: PÊCHEUX M. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux. Textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2014. p. 151-161.

PAIVA, Lucélia Elizabeth. *A arte de falar da morte para crianças: A literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores*. São Paulo: Ideias & Letras, 2011.

PINTO, G. K. *Era uma vez: a história da concepção do título associado à obra de arte*. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

REIS, Mariana Pereira dos, et al. *Infância, escola e literatura infantil: livro para criança não precisa ser educativo*. Revista Psicopedagogia, 2016.

SEGATA, Jean et al. A Covid-19 no Brasil e as várias faces da pandemia. In: MATTA, Gustavo Correia et al (orgs.). *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

YUNES, E. L. M.. *Análise e interpretação de obras literárias: obstáculos entre obras e leitor? Perspectiva*, v. 3, n. 6, p. 69-74, 1986.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Ática, 2007.

REFERÊNCIAS DAS OBRAS INFANTOJUVENIS

ALMEIDA JÚNIOR, José Gomes de. *Eu era feliz e não sabia*. Aracaju: Ed. do autor, 2020.

CAMPOS, Daniel Cavalcanti. *O vírus malvado e as crianças poderosas*. 2020. Disponível em https://sindicatos.blob.core.windows.net/arq/ns72/arquivos/app/cni_sindicatos/2011/01/10/123/20200424134258284141a.pdf

CANÔNICA, Volnei. *Tanta chuva no céu*. Ilustração: Roger Ycaza. São Paulo: Editora do Brasil, 2020.

DRUMMOND, Regina. *O mundo pela janela*. Ilustradora Thais Linhares. São Paulo: Editora Duna Duetto, 2020.

FERNANDES, Paula Emmanuella. *Xô, Coronavírus*. Ilustrações: Sérgio Neres. Contagem, MG: Ed. do autor, 2020. Disponível em <http://www.cmc.mg.gov.br/wordpress/wp-content/uploads/2020/05/Xo%CC%82-Coronav%C3%ADrus-Paula-Emmanuella.pdf>

HECK, Ari. *Arizinho e a pandemia*. Porto Alegre: Editora Alcance, 2021.

LEITE, Pedro G. *Sofia e Otto: somos heróis: os cuidados para o coronavírus ir embora*. Santa Catarina: Biblioteca digital de Santo André, 2020. Disponível em <http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/411242.pdf>

LISBOA, Rúbia. *Um tal de Coronavírus*. Ilustração: Emerson Ferreira. São Paulo: Editora Clube da Leitura, 2021.

LUBAMBO, Bruna. *Dentro de Casa*. Belo Horizonte: Editora Aletria, 2020.

NUNES, Ana Rapha. *À espera do sol*. Ilustração: Paula Kranz. São Paulo: Ciranda cultural, 2020. Disponível em <https://docs.bvsalud.org/multimedia/2020/05/4143/a-espera-do-sol.pdf>

OLIVEIRA, Kaliny et al. *O Coronavírus não sai do meu pensamento, e agora?* Câmara Municipal de Fortaleza, 2020.

OLIVEIRA, Carolina Maria X. et al. *SOS, o corona chegou!* Conselho Federal de Farmácia: Brasília; 2020. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/344784680_SOS_o_Corona_chegou

PIMENTAL, Carmem Garuzzi. *Alice no país da Pandemia*. Rio de Janeiro: Katzen Editora, 2020.

REIS, Aparecida Fátima Camila. *Corona, o quê?! PET Conexões de Saberes: “Inclusão, Diversidade e Protagonismo” e “Universidade, Saúde e Cidadania”*. UFMT, 2020. Disponível em <https://www.ufmt.br/campus/cuiaba/noticias/projeto-lanca-livro-infantil-sobre-covid-19-1602181154>

RICCI, Nina. *Casa Coração*. Ilustradora: Daniela Monteiro. Cuiabá: Editora Entrelinhas, 2021.

RODRIGUES, Hellen Cris de Almeida e VASCONCELOS, Emanuella Silveira. *O dia em que a estrela foi brilhar no céu*. Ilustração: Breno Castilho. Roraima, 2020.

SANTOS, Dilvani Oliveira. *Corona: esse vírus usa coroa, mas não é rei!* Ilustração: Douglas dos Santos da Silva. São Paulo: Perse Editora, 2020. Disponível em <http://www.perse.com.br/ebook/N1595961187222/ebook.pdf>

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 31 de julho de 2023.

Aprovado em sistema duplo cego em: 29 de outubro de 2023.